

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1290

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013

COMPETE
2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA

Tiago Santos Pereira

Tendo emergido como o meio central de comunicação científica desde o século XVII, promovendo a disseminação do conhecimento e garantindo a credibilidade dos resultados por meio de revisão por pares, a publicação científica enfrenta hoje desafios significativos. A edição de revistas, tradicionalmente liderada por sociedades e instituições científicas, tornou-se numa lucrativa atividade, dominada por um conjunto limitado de editoras privadas. Cobrando a cientistas o acesso à leitura, no modelo tradicional, ou à publicação de artigos, no modelo de acesso aberto, as editoras têm rendas garantidas pelas instituições acadêmicas que produzem os conteúdos dessas mesmas editoras. O debate em torno do acesso aberto foi importante para desafiar o regime estabelecido, mas apesar de alterar os termos do negócio manteve a relação de poder, se não mesmo acentuando desigualdades. Transferindo o custo do acesso para a publicação de artigos, esta é assim facilitada para os países e instituições de maiores recursos, concentrando a produção de conhecimento e os seus potenciais impactos. Por outro lado, o sistema de avaliação dominante – baseado no impacto das revistas, e não das publicações individuais, e valorizando a quantidade –, funciona como incentivo a um aumento da publicação, garantindo assim o negócio. Com este “mercado” crescente, surgem também novas editoras e revistas, predatórias, atraindo investigadores/as com promessas de publicação fácil e rápida e diminuindo exigência e

qualidade. Com oferta e procura a aumentar, o número de publicações científicas mantém idêntica tendência, limitando a capacidade de estas representarem um espaço de debate científico aberto e de impacto social que outrora promoveram.

O sistema de publicação científica deve deixar de ser dominado pelo sistema editorial ou pelo crescimento contínuo da publicação e os/as cientistas devem pugnar por um modelo de publicação e avaliação que contribua para os objetivos centrais de disseminação de conhecimento, de elevada qualidade e impacto social, diversificado e acessível. A presente pandemia de COVID-19 mostrou isso mesmo, quer por via da dinamização de novas vias de publicação e disseminação aberta de dados e publicações, quer pela importância de práticas éticas e pela dificuldade de as regular simplesmente pelos meios tradicionais de publicação. A alternativa tem assim de passar por duas dimensões. Por um lado, os incentivos institucionais devem deixar de fomentar o crescimento ilimitado de publicações, valorizando a qualidade, o impacto social da investigação e a discussão aberta. Por outro lado, o financiamento público deve garantir o apoio a iniciativas editoriais, tradicionais e inovadoras, como o foram os repositórios ou a ciência aberta, lideradas por cientistas, sem objetivo de lucro, com objetivos e públicos diversificados, de modo a garantir que a concorrência na publicação é determinada não pelo mercado, mas sim pela ciência enquanto bem público.